

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 514	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 41
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	I DE ABRIL DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Uma chronica muito cheia, a chronica que estou escrevendo em quinta feira santa, emquanto faço horas para que as egrejas acabem os seus officios e accendam as montanhas ue luzes dos seus altares; emquanto dou tempo ao tempo para que tome uma resolução definitiva sobre o que faz hoje; a que termine de vez as caretas com que está aterrorizando as devotas elegantes, a que se decida pelo sol que de vez em quando parece querer triumphar das nuvens negras, que da barra vem aos bandos como gaiivotas, quando presentem temporal, ou pela chuva que, de pedaço a pedaço, quer continuar nas ruas de Lisboa os mesmos *douches* de hontem, de ante-hontem, de antes de ante-hontem.

E emquanto os confeiteiros olham para os astros e para as amendoadas, a ver em que param as modas, e emquanto as elegantes esperam no que ellas param, para exhibir assuas, vamos passar um olhar rapido por essa multidão de acontecimentos que se agglomeraram n'estes dez dias decorridos sobre a nossa ultima chronica.

N'esses acontecimentos ha de tudo, alegres e tristes, triumphaes e luctuosos, uns profundamente pungentes, outros profundamente consoladores para nós todos portuguezes.

Entre estes figura em primeiro lugar, em lugar d'honra, o grande exito alcançado por uma obra d'arte nacional, n'um dos maiores centros artisticos da Europa, o successo da *Irene*, de Alfredo Keil na Italia.

O sindaco de Turim enviou um telegramma de felicitação ao presidente da camara municipal de Lisboa, pelo exito da *Irene*, no theatro regio de Turim e enviando-o, mostrou ter uma verdadeira e nitida comprehensão da alta significação nacional, que esse exito tinha.

O successo da opera de Keil em Italia não foi só o successo d'uma obra

d'arte e d'um artista, foi o successo da arte d'um paiz.

O acontecimento é sempre tão importante e entre nós essa importancia augmenta tanto com a sua raridade, que merece especialissima commoção.

São raras, infelizmente, as obras d'arte portuguezas cujo *successo* sae das fronteiras de Portugal.

Sahi o *successo* da *Lauriana*, de Augusto Machado, que se deu em Marselha com applausos, sahi o *successo* da *Morgadinha*, de Pinheiro Chagas, que faz parte do repertorio de varias companhias theatraes italianas, o *successo* do *Drama do Povo* do mesmo glorioso escriptor, que se deu ha annos em Madrid, o *successo* do *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett, que foi ha semanas represen-

tado com exito n'um dos theatros madrilenos

E caminho pela Europa poucas mais obras d'arte portuguezas teem feito, que nos lembre, se mais alguma para lá sahiu.

A *Irene*, de Alfredo Keil, principiou pelo estrangeiro o seu caminho, o que, sendo vulgar em outros paizes, como por exemplo em França, ainda mais raro é em Portugal.

Opera de despendiosa *mise-en-scene*, a *Irene* não encontrou em Portugal quem se abalancasse a arcar com as despezas da sua montagem, correndo os riscos d'uma primeira representação.

A *Dona Branca*, a estreia de Alfredo Keil, estreia de mestre, fôra um ruidoso *successo*, mas os tempos eram outros, e o theatro lyrico era largamente subsidiado e ainda assim, para a montagem da peça, foram necessarias varias combinações

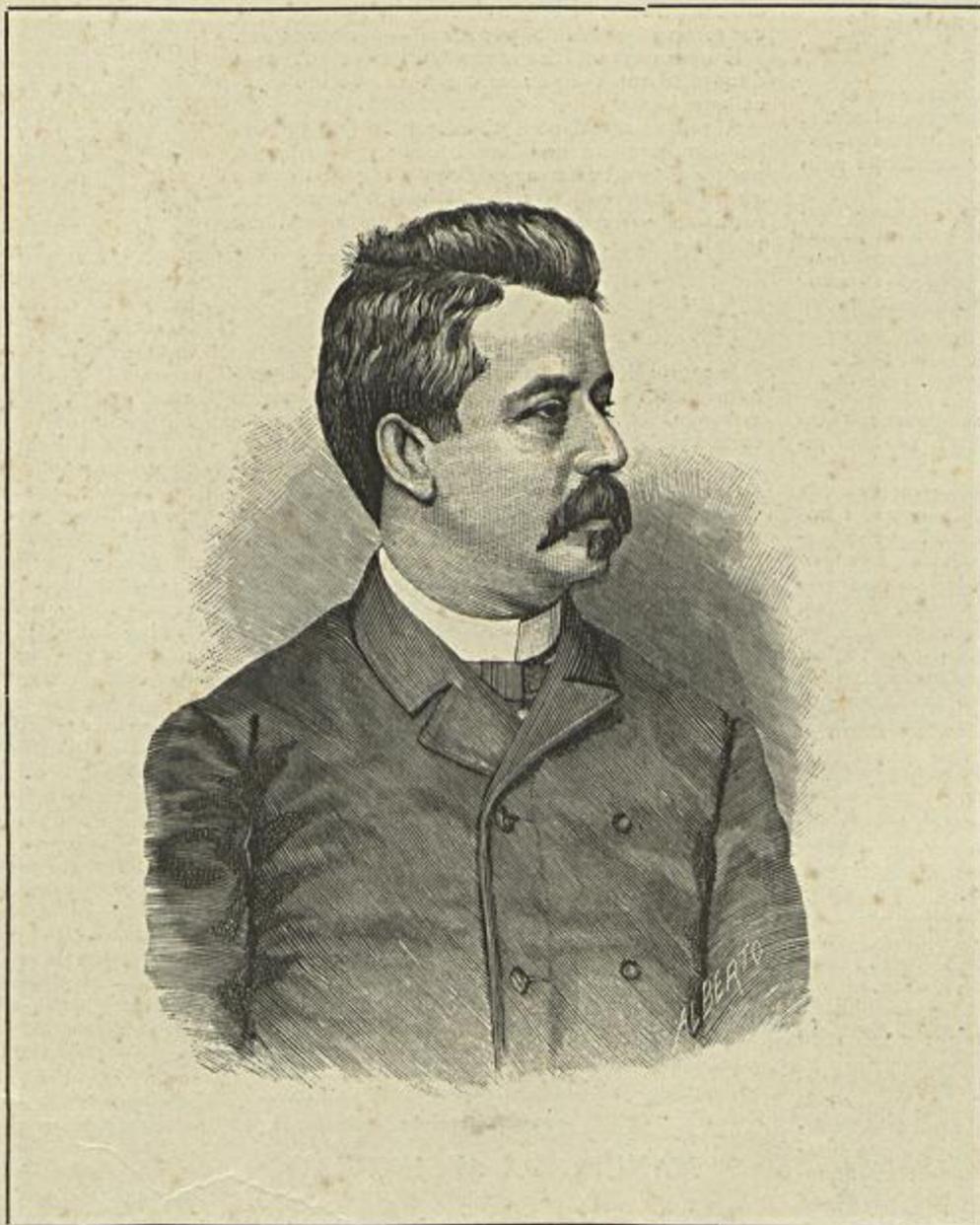
entre o auctor e a empresa.

Agora, sem subsidio o theatro de S. Carlos, sendo ainda mais dispendiosa a montagem da *Irene*, que a da *D. Branca*, tendo maiores exigencias de scenario, de *mise-en-scene*, Alfredo Keil arriscava-se muito a ficar com a sua segunda opera na sua pasta de trabalho, senão fosse um maestro illustre, que Lisboa conhece e admira muito, o maestro Mancinelli.

Tendo ensaiado e regido a primeira opera de Alfredo Keil, tendo pelo talento do illustre compositor portuguez grande consideração e sympathia, e tendo conhecido a partitura da *Irene*, elle que é um mestre, que é hoje um dos primeiros regentes d'orchestra, que ha no mundo lyrico, que é um conhecedor profundo de coisas musicas, ficou captivado pelas bellezas d'essa nova opera do auctor da *D. Branca*, e previu logo o exito enorme que acolheria a *Irene* assim que ella fosse representada.

E artista como é, tomou a peito fazer representar essa opera, que sabia que tanto havia de agradar, que tanto havia de engrandecer o nome de Alfredo Keil, de quem é amigo pessoal, de engrandecer o nome do nosso paiz, paiz que merece a Mancinelli particular sympathia e no qual tantas sympathias tem.

E foi assim que Mancinelli sabendo o que valia a *Irene*, e garantindo-a com a sua auctori-



CONSELHEIRO MANUEL DA ASSUMPCÃO, FALLECIDO EM 23 DE MARÇO DE 1893

(Copia de uma photographio do sr. E. Biel)

sada opinião, conseguiu facilmente que um dos principaes theatros da Italia, o teatro regio de Turim, puzesse em scena a nova opera do maestro portuguez, cujo nome ainda hontem só era conhecido em Portugal e hoje é conhecido e illustre em todo o mundo lyrico.

A *Irene* subiu á scena no teatro regio de Turim na noite de 22 de março e alcançou um enorme successo, tendo Alfredo Keil numerosas chamadas, no fim de todos os actos e uma ruidosa ovação no fim da opera, ovação triumphal, que provocou o telegramma de felicitações do syndico de Turim.

A *Irene* de Alfredo Keil é uma grande opera em 4 actos e 9 quadros, e o libretto baseado sobre a lenda de Santa Iria. A acção passa-se em Thomar, na antiga Nabancia, e são quatro os personagens principaes, Irene, a protagonista, que foi desempenhada pela soprano hespanhola Gilboni; Giulia, que foi a nossa conhecido meio soprano Borlinetto; Remigio, que foi o barytono Sparapani, que entre nós creou tão notavelmente o Escamillo da *Carmen*, Britaldo, que foi o tenor Cremonini.

Os trechos da partitura, que maior exito tiveram foram: no 1.º acto, a aria de barytono, o coro de cortezaes, a canção de meio soprano, e a preghiera de Irene; no 2.º acto a romanza de Irene e Remigio, e o côro dos pobres; no 3.º, a aria de tenor, a scena entre Lucifer e Irene, o *ensemble* da scena do Milagre; no 4.º o preludio, o duo de barytono e meio soprano, o dueto de soprano e tenor, em que a melodia é genuinamente portugueza.

Os bailados, que são numerosos, agradaram muito tambem.

A *mise en scene* da opera é esplendida. Dizem-se maravilhas do scenario e guarda roupa, e dos efeitos de luz electrica, que foram dirigidos pelo conde Fossati, um electricista amator distinctissimo.

Na execução da peça entram 75 coristas, 230 comparsas, 60 bailarinas, 16 creanças, 80 musicos na orchestra, 25 da banda, e 27 mandolinistas.

O libretto da opera é feito pelo libretista italiano Ferreol, o mesmo libretista da *D. Branca*.

A opera foi ensaiada e regida pelo maestro Pomé.

O successo enorme da primeira noite tem se repetido nas noites seguintes e a princeza Leticia, que assistiu a uma das recitas, participou ao illustre maestro portuguez que ia ser agraciado pelo rei d'Italia.

Como veem a *Irene* foi um glorioso successo para Alfredo Keil e para Portugal, e como tal felicitamos cordealmente o illustre maestro, congratulando-nos como portuguezes por esse triumpho alcançado no estrangeiro pela arte nacional.

Em Lisboa tivemos tambem um acontecimento musical: a 1.ª representação em S. Carlos do *Tannhäuser* de Wagner.

Apesar das operas de Wagner não estarem ainda muito no gosto do nosso publico, que não comprehendendo as bellezas wagnerianas, que necessitam de especial educação musical e de repetidas audições, se massam com ellas, apesar do *Tannhäuser* ser posto em scena muito cortado, com grandes deficiencias de instrumentação, de massas choraes, com um corpo de baile de 16 bailarinas apenas, o que torna o Venusberg d'uma pobreza franciscana, a opera agradou muito e as suas bellezas principaes foram comprehendidas e muito apreciadas.

Tem se escripto volumes e volumes acerca do *Tannhäuser* e das operas wagnerianas, e da escola da musica do futuro, da escola do *civet sans lièvre*, como ha 15 annos lhe chamavam os francezes. Todas as vezes que apparece uma opera de Wagner em scena, essas discussões, essas luctas, entre os fanaticos do maestro de Beyrunth e os seus inimigos intransigentes surgem immediatamente, senão na imprensa, nos corredores dos theatros, nas conversas particulares; uns basta dizerem-lhe que é Wagner para acharem tudo magnifico: outros basta dizerem-lhe que é Wagner para acharem tudo massador.

É claro que como quasi sempre a razão, a verdade, está no meio d'estes extremos. Negar que na musica de Wagner ha deslumbramentos de talento é tão falso, como negar que no meio d'essas maravilhas ha coisas extremamente massadoras ou porque são difficilimas de comprehender como dizem uns, ou porque não tem nada dentro, como pretendem outros.

No *Tannhäuser* ha d'umas cousas e d'outras. Ha a symphonia, o hymno de Venus, o Venusberg, e côro dos peregrinos, o septimino final do 1.º acto;

o dueto de tenor e soprano, a romanza de barytono no 2.º: a romanza de barytono no 3.º, que são encantadores, verdadeiras obras primas: ha outros trechos, como por exemplo toda a scena que se segue ao certamen do 2.º acto, que fatigam o ouvido e dão uma sensação de massada.

No desempenho do *Tannhäuser* as honras cabem ao barytono Kaschmann, que é um artista extraordinario, d'uma perfeição, d'um acabamento raro no canto, uma verdadeira celebridade artistica.

A sr.ª Arkel, apesar de ainda visivelmente incommodada da garganta, nas tres recitas que o *Tannhäuser* tem tido, agradou muito porque é uma cantora distinctissima da musica wagneriana.

O tenor Metellio não fez maravilhas na parte de Tannhäuser que é difficilima e injusta mas cantou regularmente, e foi applaudido com justiça. Muito bem o baixo Rossi.

*
*
*

As noticias tristes são tres noticias de mortes: a da morte de Manuel d'Assumpção, do conde de S. Bento, e do Barão d'Aguiar d'Andrade.

A morte de Manuel d'Assumpção não foi surpresa para ninguem porque já era conhecida a sentença dos medicos na sua doença, doença que surpreendeu a todos.

Manuel d'Assumpção, muito conhecido em Lisboa e muito estimado pelo seu brilhante talento, de que deu notaveis provas na sua carreira parlamentar, e pelo seu alevantado e honradissimo caracter, de que deu provas em toda a sua carreira politica, vivendo e morrendo pobre, era um homem ainda novo, forte, robusto, saudavel.

Um dia appareceu nos jornaes a noticia da sua doença.

Toda a gente, mesmo os mais intimos amigos de Manuel d'Assumpção, ligaram pouca importancia a essa noticia.

D'ahi a dias ligava-se a ella importancia enorme. A doença que o forcara a recolher-se a casa não era uma enfermidade ligeira, era uma d'essas doenças terribes que nunca perdoam:— a tuberculose.

E com uma rapidez medonha, inesperada, essa doença matou em poucos dias esse querido e excellente rapaz.

A morte de Manuel d'Assumpção não surpreendeu ninguem, mas entristeceu toda a gente, porque toda a gente, mesmo inimigos politicos, por que d'outros não os tinha Manuel d'Assumpção, sentiram profundamente a perda d'esse brilhante talento e d'esse grande caracter.

*
*
*

A morte do barão d'Aguiar d'Andrade foi tambem muito sentida em Lisboa, porque apesar de estrangeiro o illustre diplomata brasileiro era muito conhecido e muito estimado no nosso paiz, onde por varias vezes exerceu distinctamente o elevado cargo de ministro do Brazil.

Era um perfeito cavalheiro, muito intelligente, muito amavel, de finissimo tracto. Quando foi transferido de Lisboa para a America deixou aqui profundas sympathias, e por isso agora a sua morte deixa profundas saudades.

*
*
*

O conde de S. Bento era um benemerito cujo nome é abençoado no norte do nosso paiz. Natural de Santo Thyrsó, tendo ganho no Brazil uma avultada fortuna, consagrou todos os seus haveres em vida e em morte a fazer bem aos pobres, em crear e sustentar e dotar estabelecimentos de beneficencia. Viveu entre as benções dos desherdados da sorte e entre as benções d'elles morreu. A sua vida é o seu elogio, o seu testamento é a sua apothese. E sobre o seu tumulo pode escrever-se esta legenda:

«Aqui jaz um benemerito»

Gervasio Lobato.

MANUEL DA ASSUMPÇÃO

Quando nos tornamos no pensamento a essas regiões e tempos da mocidade, quando volvemos a vista amortecida e triste ao passado e a alongamos por esse rasto, primeiro de alegrias para todos descuidosas e, mais proximo, só de amar-

guras para tantos, ainda os privilegiados, que temos tido a fortuna propicia e nunca adversa, não é sem um estremecimento profundo do coração que entre as phosforecentes scintillações d'esse sulco, que deixamos na esteira em que nos resvala a vida, vemos multiplicarem-se os pontos negros, as recordações pungentes e saudosas.

E se nos transportarmos ao ponto de partida, se poderamos tão alongar ao futuro, como se disseramos *ao largo*, por esse mar tenebroso e fatal, que inconscientes, vimos atravessando, os olhos ardentes e curiosos, como houveramos desfallecido e desistido, todo, de viver, perdidas as esperanças, antevistas as realidades, quando muitos só com o receio d'ellas buscaram logo e de um salto a realidade ultima da morte.

Quem nos dissera a nós, ha trinta annos, o que houveramos de soffrer, e ver de soffrimento, que nos não visse pedir a Deus que nos arrancasse d'este mundo, que Elle tão bem sabe por que se chama e deve chamar-se *um valle de lagrimas*.

Ha trinta annos!

Ha trinta annos, em Coimbra, n'esse meio de risos e flores, na primavera dos annos e d'aquelles jardins, quando viamos Manuel da Assumpção, alegre e buliçoso, semeando sympathias e colhendo amizades, despreocupado do presente e esperançoso do futuro, perpassar por entre os salgueiros do Mondego ou por entre os cedros da Fonte das Lagrimas, cantando aos roseiras as alegrias e os amores da sua alma de poeta; quando o viamos, no Club Academico, desferir doces sons no piano e arrancar-lhe as melodias inspiradas pelos seus cantares intimos, quem nos diria a nós, e a elle, que volvidos trinta annos o colheriam a dor e a morte, prematura, e que nós viveriamos bem mais do que elle, nós que já lhe levavamos dianteira nos annos, a poder consagrar-lhe á memoria esta recordação da mocidade.

Então era só eloquente o seu olhar, apenas meiga e doce a sua voz. Depois, mais tarde, a sua voz fez-se eloquente e forte, mas o seu olhar conservou-se sempre eloquente, espalhando a meiguice e a doçura da sua alma.

E assim atravessou o mundo como um meteoro brilhante, mas benéfico; que nem semeou terrores, nem fez ruínas.

E, todavia, não ministro da Igreja, cuja missão é só caridade; mas ministro do Estado, cuja acção tem de ser por vezes violencia.

E não foi violento, nem descaridoso. Sobraçou a pasta da Justiça, e a sua justiça, se algumas vezes cambiou para a equidade, nunca descambou em injuria.

Foi deputado, antes de ser ministro, e, quando a sua voz se erguia no parlamento sonora e vibrante, os echos estremeciam, mas mais estremeciam os corações, porque, se a voz era a d'um forte, n'elle, tão fraco de compleição, a palavra era a de um espirito nobre e generoso, que tinha, esse, todas as fortalezas, que nem na morte lhe falleceram.

Foi jornalista, antes de ser deputado, e ainda recordamos a impressão de entusiasmo com que ao incipientê redactor d'uma folha de Villa Real, da terra em que nasceu, se referia Teixeira de Vasconcellos, o mestre, tallando nos dos artigos de Manuel da Assumpção, para elle até então um desconhecido, mas começando desde então a ser para todos um eleito.

Mas antes de jornalista, de deputado, de ministro, e mais que tudo isto, foi homem de arte e de bellas letras. Nascêra poeta e artista, poeta e artista de sentimento e de gosto, porque versos poucos fez e obras d'arte nenhuma deixou. Mas, se o seu espirito cultivado se não desentranhou em nenhuma obra de folego, era a sua mais grata predilecção a escolha e aquisição de bons livros e de bons quadros. E teriamos a descrever hoje uma primorosa livraria e o mais rico museu, se elle houvesse podido egualar a riqueza á grandeza dos seus desejos.

Volvendo ao passado, sempre ao passado, recordamos ainda que ha um anno, quasi dia a dia ao da sua morte, vibrava commovida a voz de Manoel de Assumpção á beira do tumulo de Lopo Vaz e em seguida escutava-se a de João Arroio, não menos commovente e vibrante. Quem então poderia segredar a essas duas vozes, se não Deus, qual d'ellas seria a primeira a emmudecer, qual d'ellas a ultima a erguer-se n'uma prece pela alma donde partira a voz que se callava.

Quem, se não Deus, nos poderá dizer tambem a nós quando jazerá inerte a mão que traça estas linhas, que nós quizeramos gravar em bronze a perpetuar a memoria d'uma alma de ouro n'um corpo de crystal, d'esse fraco corpo que se partiu, d'essa forte alma que voou.

Ferreira de Castro.



AS NOSSAS GRAVURAS

A PAIXÃO DE CHRISTO

A igreja commemora, na semana que hoje termina, a paixão de Jesus Christo, o Filho de Deus homem, o Redemptor da humanidade.

E' este o facto mais importante da historia do mundo, aquelle que abriu uma era nova á sua existencia, d'onde dimanou a verdade e a justiça, e é a verdade e a justiça a doutrina de Jesus.

Teem-se succedido os seculos, e uns tem destruido o que outros edificaram. A sciencia dos homens tem passado pelas maiores decepções, reconhecendo hoje o erro do que hontem tinha por infalivel. Só a obra de Deus tem atravessado os tempos, de pé e incolume, vendo o derruir das miserias humanas. Só a sua sciencia é eterna, potente, e em cada molecula confunde o prescrutar da curiosidade humana.

Os que duvidam d'ella por não a comprehendem, no limite da nossa comprehensão finita, terão que duvidar do seu proprio ser e existencia, porque o não sabem explicar.

Hoje como hontem e como amanhã, até á consummção dos seculos, relembra-se e commemora-se o incomensuravel sacrificio do Homem Deus que redimio a humanidade. Todas as invejas e ingratiões do mundo, não poderam desfigurar toda a caridade e abnegação de Jesus Christo sacrificando-se pelos homens.

E' que acima das invejas e ingratiões está a grandeza d'aquelle sacrificio pelos beneficios que d'elle vieram para o mundo, pela luz brilhante e intensa que se desprende da cruz em que o Filho de Deus exhalou o ultimo alento, luz tão forte e duravel que ainda hoje brilha com o mesmo fulgôr volvidos já dezenove seculos.

E' a luz divina que alumia as trevas da nossa existencia, que brilha a incomensuravel distancia, n'um ponto vago que não podemos precisar, mas que nos alenta, que nos dá esperança de uma existencia melhor do que esta, para que melhor a supportemos com esperança na outra.

E' essa mesma luz divina que tem illuminado o espirito de tantos poetas para cantarem a grande epopéa do Calvario. E' essa mesma luz divina que tem illuminado o espirito de tantos artistas para desenharem na téla ou esculpirem no marmore os passos sacrosantos da Vida de Jesus. Os musicos lhe tem dedicado os mais harmoniosos hymnos. Os santos padres os mais sentidos cantos.

E que melhor se prestaria á inspiração, ao sentir, ao entusiasmo dos poetas, dos artistas que aquella sublime tragedia desenrolada desde Bethlem até ao Calvario em todas as suas interessantes particularidades?

Todos os passos de Jesus foram um exemplo, uma lição para a humanidade, e como tal deviam ser escriptos e figurados, na mais pura linguagem e com as mais indeleveis côres, para que ella nunca os esqueça.

Pois não os esqueçamos nunca e por nossa vez aqui os recordamos pondo ante os olhos do leitor esses dois bellos quadros da paixão de Jesus Christes: o que representa o Divino Mestre no Horto, quando prestes a supportar a sua dolorosissima Paixão, diz aquellas palavras amarissimas a seus discipulos: «Nem uma hora podestes vigiar comigo. Vigiae e orae para não cahirdes em tentação»; o que representa Christo crucificado, final dos seus dolorosissimos tormentos, a hora extrema em que entrega a alma a seu Eterno Pae, depois de ter dito ao seu discipulo amado: «João ah tens tua mãe,» e a sua mãe afflictissima: «Mulher ah tens teu filho».

E assim o Redemptor dando a sua vida pela humanidade ainda lhe deu por mãe a sua mãe Maria Santissima.

Divina e sublime abnegação do Martyr do Golgotha.

BARÃO D'AGUIAR DE ANDRADE

Poucos homens como o barão d'Aguiar d'Andrade, se tornaram queridos universalmente, e mais quando se gravita na orbita da politica, em que a luz d'uns se empana a de outros, logo suscita paixões e represalias, isso é difficil, ou então mostra um tacto de bondade e de justiça que sobrenada á flôr d'essas machinações partidarias. Impôr-se á consideração, ao respeito e á esti-

ma geral, é um alvo, que embora pouco facil de attingir, o illustre extincto soubera alcançar.

Servia a sua patria, com o desempenho de cargos valiosos, isto no tempo do imperio. Chega a republica e elle continúa, como d'antes, servindo nobre e dedicadamente o seu paiz; e, assim se mostrou isempto de paixões facciosas. Erguera-o este facto aos olhos dos seus conterraneos, que lidando por destrinçar uma questão melindrosa e importante com uma potencia, o escolheram contentes e satisfeitos para entabulador e dirigente da delicada missão.

Os Estados Unidos do Brazil deram-lhe, pois, o encargo especial, nos Estados Unidos d'America, de delegado junto do tribunal arbitro, na chamada «Questão das missões».

Uma vez ahi, o seu merecimento revelava-se, respeitavam-n'o e outhorgavam lhe grande importancia e até a noticia do seu fallecimento foi de lá participada para Lisboa ao representante da Republica Argentina.

Era o decano de todos os diplomatas do seu paiz; possuia longo tirocinio e o Brazil deveu lhe muitos serviços.

A sociedade portugueza era-lhe querida e em Lisboa conservava bastantes relações e familia.

As saudades que deixa, pungem hoje muitos dos seus amigos, e nomeadamente uma de suas filhas que reside tambem entre nos.

Passemos agora em revista os principaes pontos da vida de Aguiar de Andrade.

Nasceu em S. Paulo e encetou a carreira diplomatica em 1852, como addido de 1.ª classe nos Estados Unidos, onde serviu sob as ordens do barão do Penedo, occupando por duas vezes o cargo de secretario de legação, e foi definitivamente nomeado para este cargo em fevereiro de 1855, e pouco tempo depois ficava encarregado dos negocios, porque o barão de Penedo fôra removido para Londres.

Foi transferido em 1857, como primeiro secretario para a legação de Inglaterra, e ahi, por duas vezes, em curto espaço de tempo, foi encarregado de negocios.

Voitou á America, em outubro de 1863, promovido a encarregado de negocios da Nova Granada e Venezuela, e trez annos mais tarde foi removido, ainda no cargo de primeiro secretario, para a republica do Chili, onde recebeu em 1871, a sua promoção a ministro residente, e n'esta qualidade foi transferido para a republica do Uruguay, em 1873.

Já então Aguiar d'Andrade era reconhecido como verdadeiro diplomata, intelligente e digno e que em vinte annos de trabalho havia subido tanto, degraui a degraui, cheio da modestia que o cobria, todos os lanços desde addido até ministro, mas ainda não tivera ensejo de mostrar os seus grandes dotes de diplomata.

Essa occasião de evidenciar o seu talento appareceu.

Originava a guerra do Paraguay innumeradas penencias, apresentavam se difficuldades e então elle foi quem conseguiu consolidar a paz.

Este relevante serviço — que lhe aureolou o nome — valeu-lhe tambem o titulo e honras que possuia.

E não só aqui parou a patria agradecida, chamou lhe benemerito e nomeou o ministro plenipotenciario e enviado extraordinario.

N'um impeto de reconhecimento haviam-lhe chamado o anjo da paz, e assim fôra. Inscrevera o seu nome glorificado, em letras luminosas nos fastos brasileiros e não derramando sangue, roubando vidas, mas sim tentando dal-as e obstar aos effeitos destruidores e calamitosos da guerra.

Graças ao prestigio que lhe dera o serviço feito á sua patria, o governo brasileiro facilitou-lhe em 1878 a sua remoção para a Europa, nomeando-o ministro em Vienna, onde se conservou até á sua transferencia para Lisboa e isto pela morte do barão de Japurá.

Na America e na Europa, nos paizes em que serviu, teve e deixou sempre amizades cordealissimas e saudosas lembranças, como as d'aqui, e como em Roma, ainda não ha muito; e presente-mente em Washington, que communicou com tristeza a nova da sua morte á Europa.

Foi lá, na grande cidade americana, que elle, fulminado por um ataque apoplectico falleceu, legando aos seus um nome glorioso e immaculado, e á sua patria, que o venerava, a recordação indelevel de tão prestimoso cidadão.

O VAPOR DE GUERRA PORTUGUEZ
«MAC-MAHON»

NAUFRAGADO NO RIO LIMPOPO

Tellegrammas recebidos de Moçambique em 8 do mez findo, deram noticia de ter naufragado,

na barra do rio Limpopo o vapor da marinha de guerra portugueza *Mac-Mahon*, tendo-se salvo a tripulação.

Este pequeno navio da nossa armada tem uma pequena historia gloriosa pelos seus serviços prestados na nossa Africa Oriental, e um nome que commemora um facto importante da nossa historia, significando ao mesmo tempo a gratidão de Portugal para com o harbitro que decidiu de uma causa justa, em favor do nosso paiz, quando a Inglaterra levantou questão sobre os nossos direitos á bahia de Lourenço Marques, o general Mac-Mahon, então presidente da Republica de França.

O vapor *Mac-Mahon*, era principalmente destinado á fiscalisação do porto e como tal apenas tinha uma peça de artilheria.

Foi este pequeno vapor que, em março de 1891 apresionou o vapor inglez *Countess of Carnarvon* nas aguas do Limpopo, quando este conduzia armas e munições de guerra para a companhia *South African*, contra a letra do *Modus Vivendi* estabelecido entre Portugal e Inglaterra, em 1890.

O *Mac-Mahon* foi construido em Inglaterra por conta do governo portuguez, no anno de 1889, e em breve se conheceu que o seu fabrico não era dos mais solidos, pois logo na primeira viagem se partiram peças da machina.

As ultimas noticias davam algumas esperanças de se poder salvar o casco que estava encalhado nos cachopos da barra, é, porém, pouco provavel que assim succeda, porque o mau fado tem preseguido este navio cujo destino parece ter-lhe marcado vida curta.

OS PAÇOS MONASTICOS DE MAFRA

(Continuado do n.º 513)

Na basilica, que tem a fôrma de uma cruz latina, ha onze capellas. O corpo da igreja, que constitue o pé da cruz, tem de cada lado tres capellas, cada qual com seu altar, retabulo de marmore branco em relevo, e quatro estatuas distribuidas pelos quatro angulos. As portas de communicação d'estas capellas são ricamente adornadas de magnifico marmore preto, ainda hoje polido como um espelho, e ornado de marmore amarello e de outras côres. Por cima de cada uma, no sobre-arco, e em cada uma das faces, admiram-se semicirculos em baixo relevo, de marmore de Carrara, que representam passagens da Escripura. No amplo e magestoso cruzeiro, que figura os braços da cruz, ha duas altissimas capellas, tambem com retabulos de marmore branco em relevo, e quatro órgãos assentes em tribunas de marmore, sustentadas por bellissimas columnas jonicas de mais de cinco metros de altura. A capella-mór tem dois órgãos magnificos, sendo as caixas de pau santo e as guarnições de bronze dourado, tudo lavrado a primor. Aos dois lados da capella-mór ha ainda duas capellas, que juntas ás demais prefazem o numero de onze.

A meio do cruzeiro, descansando sobre quatro arcos, tão bellos quanto é possivel imaginar, ergue se o zimbório, formado por duas cupulas concentricas como o de S. Pedro de Roma. Na cimalla, que corresponde aos terrassos da igreja, tem uma varanda, sufficientemente espaçosa, com grades de ferro.

A cupula é interiormente formada de precioso mosaico de marmores. — «Como a abobada não é fechada, diz o sr. Conceição Gomes no seu *Monumento de Mafra*, apresenta por isso um anel, sobre o qual se elevam oito pilares que sustentam a cupula externa. Uma escada de dez degraus dá accesso para a varanda estabelecida sobre esta abobada. — O lanternim, finalmente, é guarnecido interior e exteriormente por columnas jonicas com oito janellas adaptadas á sua figura polygonal. Na cupula do lanternim vê-se em alto relevo uma pomba, figura symbolica do Espirito Santo, medindo de uma a outra extremidade das azas 1^m,5.—Este zimbório é indubitavelmente uma das mais perfeitas obras de arte que possuímos.

Uma das cousas mais dignas de admiração na basilica de Mafra são os famosos carrilhões, compostos, cada qual, de 48 sinos, dos quaes o maior pesa 10 000 kilogrammas, e o menor 30. Mas em ambas as torres ha tm ainda maior, que pesa 12:000 kilogrammas, e serve para dar as horas dos relogios, por systemas differentes, romano e portuguez, indicados em cada um dos mostradores. Além d'estes sinos, ha ainda outros destinados aos officios divinos e aos quartos de hora, sendo ao todo 114. E é assombroso que se ouça a tres leguas de distancia a sua voz melodiosa e argentina!

Referindo-me incidentalmente a esses magníficos engenhos, escrevi ha annos que tinham custado 240:000 rês. Fundamentei esta asserção n'uma auctoridade que todos acceitam e veneram, o visconde de Santarem, que no seu *Quadro elementar*, t. v. pag. ccli. nota, diz o seguinte:

«Os carrilhões fizeram-se em Anvers e Amsterdão, e custaram 50:000 moedas de ouro. — Officio do consul de França de 28 de fevereiro de 1730 nos archivos dos negocios estrangeiros de França, vol. Lxiv de Portugal. fl. 41.»

Mas, como é sabido, a tradição geral diz que elles custaram dois milhões de cruzados; e, o que mais é, no tomo VIII, pag. 301, do *Gabinete Historico* affirma-se positivamente que — «Foi sem-

ali se construíram relógios para sala, que tocavam a todos os quartos e horas; mas, tornando-se impertinentes por que repetiam sempre as mesmas arias e, alem d'isso, affectavam o andamento dos relógios, o entusiasmo diminuiu. Em Paris foi muito considerado o carrilhão denominado da Samaritana; e são ainda muito notaveis o de Strasburgo e o de Anvers.

Foi n'esta cidade que se fizeram os dois maiores e mais importantes carrilhões, destinados para as duas torres do monumento de Mafra, unicos pela sua grandiosidade, pelos effeitos de harmonia, e pela complicação do mechanismo. Estas peças são em tudo eguaes e semelhantes.

Um conjunto de rodas de bronze ligadas a eixos

que ferem os sinos é por meio de alavancas do primeiro genero, organisadas em teares, e cujo numero não é inferior a 3:000. Não é facil o calculo para se apreciar o producto das forças nos jogos intermediarios, o qual deve corresponder a valor egual nos pontos extremos. É muito difficil tambem a substituição das musicas, sujeitas a regras especiaes no numero de compassos, na força das notas e na maneira da instrumentação. (1)

O movimento rotatorio dos cylindros é por meio de pesos de 800 kilogrammas.

Com respeito ao preço dos soberbos carrilhões, diz-se: — que tendo D. João V encomendado nas fabricas de Antuerpia um carrilhão para o edificio de Mafra, dadas certamente as necessa-

A paixão de Christo



JESUS CHRISTO NO HORTO

(Quadro de Salvador Rozza)

pre tradição constante que estes dois carrilhões custaram tres milhões.» Desejando porventura harmonisar essas diversas tradições, ou interpretando o que diz o *Gabinete Historico*, o redactor do *Panorama* (1840 — pag. 61), mantendo sem duvida o preço de dois milhões aos carrilhões, destinou um milhão para o seu transporte e collocação, pois diz elle ser «fama que importaram em tres milhões de cruzados». Assim ficaria tudo conciliado.

Sobre este assumpto, deveras curioso, tive o gosto de receber a seguinte interessantissima comunicação do meu excellente amigo e collega sr. Joaquim da Conceição Gomes:

OS CARRILHÕES DE MAFRA

Os carrilhões mechanicos são desconhecidos no nosso paiz; muito adoptados, porém, em Flandres,

de ferro primorosamente trabalhado e polido, e circumdados de figuras e outros bellos ornatos tambem de bronze, os dois grandes cylindros do mesmo metal, o grande pendulo, e outras muitas e variadas peças de metaes diferentes, constituem cada uma das machinas contida em um barramento ou armação de ferro, fechando o espaço em quadrado de 4 metros por lado, e que se compõe de cinco jogos; o escape d'ancora, o de quartos, de horas, e dos cylindros como os de caixa de musica, que são applicados ao carrilhão. A montagem das rodas produz 2,2 d'altura.

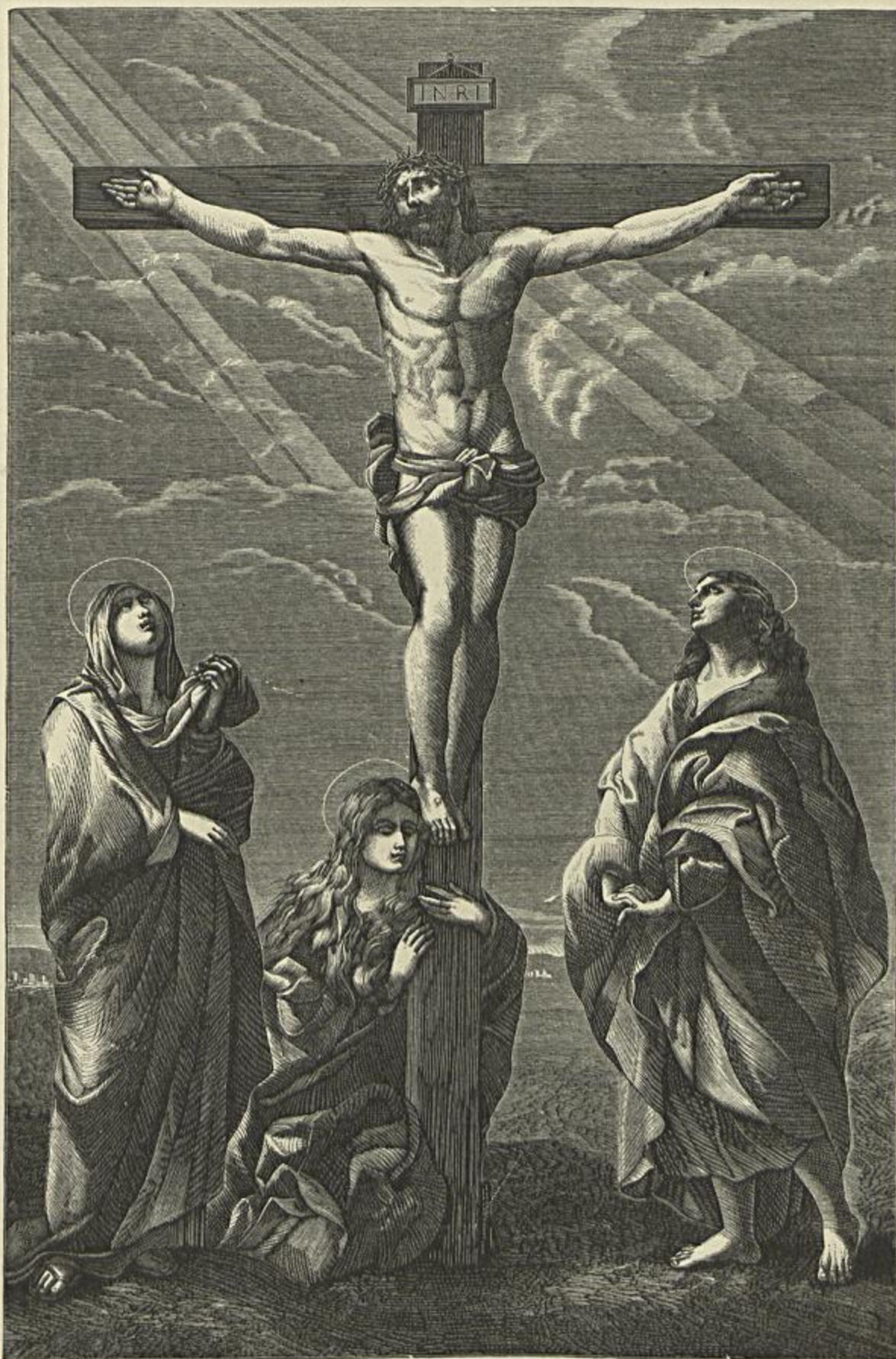
Os cylindros medem — cada um — 1,08 de diametro, e 2,24 de eixo; por um methodo especial podem ali collocar-se todas as musicas, nos limites de quatro oitavas d'escala chromatica constituida por 48 sinos, com que se forma cada carrilhão. A ligação dos teclados com os martellos

rias instrucções, d'ali responderam que não custaria menos de 400 contos de réis — entendiam de certo, que não haveria quem se atrevesse a despender tão grande somma — mas o rei, cujo orgulho se julgou offendido, retorquira, dizendo — *E' tarato, quero dois.* — É esta a tradição, falsa ou verdadeira, acceitavel no genio de D. João V; comtudo, tem sido accusada de falsa, e que não passa de uma anecdotica, por quanto, o custo dos carrilhões — certamente os dois — fôra de 240 contos de réis.

Note-se que, dizendo-se carrilhões, não se en-

(1) As musicas teem sido substituidas; as ultimas que ali se metteram são os hymnos de S. S. M. M. as rainhas D. Maria Pia e D. Amelia, e um trecho da *Bucia di Lammermoor*.

A paixão de Christo



GUIDO P.

ALBERTO Grv.

CHRISTO CRUCIFICADO
(Quadro de Guido)

tende aqui os sinos sómente, mas entram as machinas, e a cada uma correspondem 51 sinos, sendo 48 os do carrilhão, e 3 para quartos e horas.

Diz-se, tambem que os sinos foram feitos em Paris e em Genova. Ora, são elles proprios que o negam; da fundição saíram-lhes impressas as seguintes legendas: *Guilhelmus Withlockx me fecit Antuerpiae anno 1730*; isto nos da torre do sul; e nos da torre do norte: *Nicolaus Levache Leodiensis me fecit anno 1730*.—São todos do typo allemão, eguaes e semelhantes. Nas machinas não se encontra mais do que na base de uma columna de ferro, junto á pendula, gravadas as letras N. L. L. 1730, as quaes, sem duvida, significam:—*Nicolaus Levache Leodiensis, 1730* (1)

É pois, incontestavel que os sinos foram feitos no mesmo local onde as machinas se fabricaram, e mesmo convindo fazer-se algum ensaio antes da remessa ao seu destino, grande loucura seria transportar os sinos ao local das machinas, ou estas ao local dos sinos, embarcando estes depois no porto de Genova. Se, porventura, se fundiram alguns sinos longe de Anvers serão os do serviço da igreja, em numero de 10, cujos typos são diversos.

Com respeito ao valor total dos carrilhões, considerando o seu merecimento artistico, aproveitando as indicações do *Monumento sacro* e de alguns manuscritos;—o peso total dos sinos de cada um carrilhão é de 9:000 arrobas que, a

32.000 reis, produzem... 288:000.000
Cada machina, avaliada
por peritos, a peça por
peça, é estimada em... 65:000.000
Total réis... 353:000.000

Deve, além d'isto, considerar-se a despeza feita com os desenhos e com os modelos indispensaveis para a execução das peças em ferro e bronze, que não podiam ser ordinarios. E tal seria ainda hoje o seu custo, porque, embora os preços dos salarios e dos materiaes tenham augmentado, ha a compensação na facilidade do trabalho, de que resulta grande economia de tempo.

Para se apreciarem aquelles collossos metallicos, importa — a quem não os conhece de perto — vê-los com minuciosidade, considerar a grandeza material do todo, a profusão dos metaes, o bem trabalhado dos ornatos e o acabamento esmerado de todas as peças; attendendo mais a que os sons tão meliodiosos e tão suaves de todos os sinos dependem da finura do metal, cuja composição especial é de muito custo.

Quem não tiver em conta todas estas circumstancias não pode dar aquellas peças o seu verdadeiro valor.

E bem é para lamentar que não se faça um estudo serio das riquezas que possuímos. Não somos nós o povo mais pobre de objectos de arte; infelizmente, dá-se pouco valor aos conhecidos; e os não conhecidos, porque d'elles não ha inventario, desapparecem, deixando de fazer parte do nosso activo.

Não condemnemos o passado; isso é inutil — o que convem é prevenir o futuro.

J. C. Gomes.

E, porque tudo é extraordinario em Mafra, desde as torres que medem 68 metros de altura até os apagadores do cirio paschal, dos quaes disse, apalmando-os, o primeiro visconde de Castilho:— «Oh! são certamente os apagadores do sol!»— Será porventura de admirar que em todo esse immenso edificio haja 880 salas e 4:500 portas e janellas?! D'estas, as que se veem exteriormente sobem a mais de 800, como vamos ver.

Na fachada principal ha 13 portas e 157 janellas; na do sul, 5 portas e 216 janellas, estando 2 tapadas a pedra e cal; na do norte tambem 5 portas e 216 janellas, havendo 3 tapadas; e na fachada posterior (bibliotheca) 201 janellas e 9 portas, 4 das quaes tapadas. Total 32 portas e 790 janellas!

A bibliotheca, ampla e magestosa, é sem duvida uma das mais bellas que ha em todo o reino. O OCCIDENTE de 1887 deu já noticia d'ella, com uma formosissima gravura. Afóra esta sala, que é mais propriamente uma galeria, não ha nos paços de Mafra outra que corresponda á sua vastidão.

As salas de audiéncia, da tocha e da guarda não

são de grandes dimensões, e até passariam em silencio se na parte inferior das allegorias, que ornaram os espaços entre as janellas, o magico pincel de Domingos Antonio de Sequeira não conseguisse illudir-nos completamente com a imitação perfeitissima de magnificos baixos relevos.

E' pena que em toda essa correnteza de salas, se exceptuar-mos as que modernamente foram destinadas para museu de objectos pertencentes ao convento, não haja uma só cadeira, um banco, um moxo, em que possa descançar alguns momentos quem já não pode mover as pernas de tanto percorrer salas, de tanto atravessar corredores, e de tanto subir e descer escadas!

(Conclue)

Alberto Telles.

O CONVENTO DE S. BERNARDINO

APONTAMENTOS

(A Fialho d'Almeida)

Frades! Quem se occupa já de frades? Pois interessam-me como velharias essas comunidades monasticas, graves, austeras, emulos de velhas cathedraes! É sob a austeridade do conjunto ver destacar-se do frade o homem, sempre o mesmo em todos os tempos e sob todos os aspectos, ver a comunidade que perpassa tetrica, em silencioso respeito, deante do cadaver vivo do grande Carlos v, ou que caminha imponente e zombadora em frente do despeito de Colombo, a quem negam o poder de descobrir um mundo!...

Mas que poesia tem o frade! Sob o ponto de vista da arte, que bellas são essas graves e serenas figuras envoltas nos seus habitos talares. No campo, ao pôr do sol, quando o aldeão larga a enxada, ao som da sineta do mosteiro, que toca o *Angelus*, o religioso passando, abençoa o homem de trabalho, e elle recebe curvado a benção, como a benção de Deus, que hade ajudal-o no quotidiano labor.

Mas deixemos o velho frade, o commensal, o amigo, o conselheiro das nossas avós, e tratemos do frade actual, que só o pode ser dentro dos muros do seu convento, e que alli observa a sua regra e reivindica velhos direitos, de que nossos paes os privavam. Os modernos, que conhece, pertencem á outr'ora popular ordem franciscana e habitam os conventos do Varatojo e de S. Bernardino. Foi visitando o Varatojo que eu comprehendí e idealisei o frade, maravilhado ante a admiravel figura ascetica do reverendo Antonio Pancada; como elle sabia tornear suavemente as minhas asperesas de sceptico mundano, como elle sabia combater sorrindo as minhas incredulidades d'homem do seculo! Já lá vão annos e o Padre Pancada já fugiu d'este incomprehensivel mundo, mas a sua figura ideal, nunca hade apagar-se da imaginação dos que como eu a viram.

Os dois conventos são dois escolhidos logares de serenidade e paz, e alli póde encontrar o melhor repouso quem deseja fugir das inquietações do mundo.

Vamos a S. Bernardino, pois que a e le me ligam as mais gratas recordações, pela velha amisade que me une aos seus antigos proprietarios.

Subindo o escarpado da montanha, legua e meia a sudoeste de Peniche, ha para o lado do mar um caminho indeciso e tortuoso, que nós conduz ao mosteiro. Em baixo uma grande depressão cavada pelas aguas, que no inverno alli correm com impto. O terreno sempre ondulante, manchas de pinhal ao longe, e casinhas brancas com os seus telhados denegridos cobertos d'aboboras. As medas de palha ergundo para o céu os seus cones, nos mernes do terreno destacando-se os vinhedos encarquilhados pelo oidium, e a murta, ainda em flor, embalamando o ar e revestindo o chão de parceria com as moitas de carqueja. A' nossa direita uma vastidão enorme d'um azul sombrio, onde o sol reflecte tons luminosos, contrastando com o neutro das nuvens que começam a encastellar-se lá para os lados das Berlengas, n'uma silhueta escura. Pombas brancas esvoaçam em bandos na direcção dos casaes.

Foi n'esse pequeno valle ao subir da encosta, que em 1451 se fundou o primitivo convento, em terreno doado por Pedro Alvares, tabellião da Villa da Lourinhã, a quem seduziu a vida monastica, e que entre os padres passou o resto dos seus dias, ampliando por occasião da morte, em 1453, a doação com a dadia d'uma fonte e matto á roda, entregando o seu espirito pediu como unica recompensa aos freires da ordem que o encomendassem a Deus e a S. Francisco. Esta casa, diz a

chronica seraphica de Fr. Jeronimo de Belem, era tão pobre que mais parecia uma choupana de pastores, que habitação de religiosos. Edificada com barro e adóbes e tão limitada e mesquinha que poderia rivalisar com a que em Rigortorto serviu ao Santo padroeiro para lançar os fundamentos da ordem.

O Santo padroeiro! Quem comprehenderá hoje essa sublime figura de Francisco de Assis? N'esta epoca em que a ancia do goso endoidece os espiritos, em que o pobre e o rico ameaçam travar a mais violenta peleja, haverá ainda um propheta um inspirado que venha pregar a caridade e o amor?!

«Se que'es ser perfeito vende o que possues e dá o aos pobres». — «Não leves em jornada nem bernal nem tunica nem sandalias nem bastão.» Foram estes conselhos do divino socialista Jesus, que Francisco tomou para norma da sua regra. Rico mercador, alegre e robusto moço de vinte e cinco annos, lança fóra as riquezas, despe os seus vestidos, cobre-se de farrapos, e elle ahí vai pregar ao povo, soccorrer os pobres, doentes e miseraveis, vivendo com elles e como elles mendigando o seu pão. Não limita o seu amor á humanidade, as aves, os insectos, são seus irmãos; vae, como o pinta Hervier, pregar aos passarinhos, e eites acercam-se da pedra em que está sentado, no meio da serenidade d'um arido campo, onde floresce o cardo, ou vão balouçar-se nos ramos de agentes arbustos, a escutar a palavra do prégador. Censura ás formigas o terem tanto cuidado d'encheirar para o inverno, e vende a capa para salvar o cordeiro que vão levar para o açogue. Os vegetaes tambem prendem o seu coração, e em cada convento deve reservar-se na horta um canteiro de flores, para com ellas se louvar a Deus. O admiravel asceta, nos campos floridos ou nus, nos trigaes, nos vinhedos, nos matagaes, nas florestas, em todas as manifestações da esplendida natureza, encontrava um motivo de ternura e admiração para com o creador! As suas poesias originaes como a sua alma, escriptas na linguagem popular, eram sempre a expressão d'esse immenso amor, que lhe consumiu cedo a vida, pois viveu apenas quarenta e cinco annos.

Esta notabilissima figura desde logo inspirou os artistas, que ainda em nosso tempo o tomam para assumpto dos seus trabalhos. Representou-o Fra Angelico e no começo da renascença italiana pintou Ghirlandajo a sua *Morte de S. Francisco*. A escola franceza tem traduzido para a tela muitas das suas lendas, e os hespanhoes, de um caracter tão proprio para comprehenderem esta extranha individualidade, deram-nos o admiravel S. Francisco de Zurbaran, e varios outros dos seus artistas a tem interpretado como Alonzo Cano na sua primorosa esculptura, e Ricardo Villodas, que pinta o mystico inspirado, sobre palhas, ao fundo d'uma gruta, as mãos postas sobre uma caveira e os olhos fitos no céu.

Mas como eu ia dizendo, a pobre guarida dos franciscanos foi no valle ali fundada pelos veneraveis Fr. Rogerio, prégador hespanhol, por Fr. Rodrigo de Benavente, confessor, e pelo leigo Fr. André do Porto, todos d'uma vida austera e exemplar, atrahindo a si a piedade dos fieis para a caridade e perfeita imitação de seus actos. Vainos contanto a chronica, que andavam descalços os pobres, e vestidos de habitos grosseiros e despreziveis, mortificando lhe mais o corpo do que resguardando-o das itemperies.

A exemplo dos primitivos imitadores do seraphico patriarcha, usavam os religiosos de tamanhos, depois transformados em sandalias. Não tinham chaves as cellas, nem colchetes os habitos, apenas a corda e o rosario. N'estes costumes do convento de S. Bernardino e dos mais da Recollecção, aprenderam as provincias reformadas; tão austeros e religiosos exemplos lhes davam os nossos frades.

Muito concorreu para o auxilio d'esta fundação a piedosa condessa D. Guimar de Castro, a quem muitos imitaram com devoção, offerecendo o trabalho do seu braço aquelles a quem faltavam completamente os meios de fortuna. A igreja era simples, um alguidar sem fundo lhe servia de oculo ou espelho, pelo qual entrava a luz do sol! N'este estado permaneceu por muitos annos o convento e a igreja, mas com o titulo de Oratorio, segundo a pratica da ordem, que não considerava como convento formal, senão as casas que podessem sustentar doze religiosos com seus prelados a que se chamam guardiões. No nosso retiro o prelado tinha o nome de vigario, e assim o conservou até 1531.

Ficava o convento muito visinho do ribeiro, que corria no valle, e nos annos d'invernada crescia de modo a inundar o edificio, acontecendo que, em dezembro de 1563, as aguas invadiram o claus-

(1) Levache veio a Portugal, talvez para montar as machinas; e em Lisboa dirigio os trabalhos de uma fundição de sinos estabelecida no Campo de Santa Clara. Com o Levache veio tambem Domingos Massa para dirigir o importante trabalho dos vigamentos que sustentam os sinos.

Leodiensis (de *Leodia* ou *Leodium*) quer dizer— natural de Liège.

tro e capitulo, tomando os nossos religiosos um supino banho. Estes repetidos accidentes e o estado de ruina do Oratorio, resultado do grande terremoto de 1531, obrigaram os frades a emprender nova edificação; não se sabe ao certo o anno do seu principio, mas é a que hoje existe e que ainda lá conserva todo o seu sabor d'antiguidade.

Fôra o novo convento occupado pelos religiosos em 25 de março de 1595, sendo provincial Fr. Jeronymo da Cruz, e guardião Fr. Manuel de Olivença, que cantou a primeira missa no primeiro dia de maio do mesmo anno. Uma analogia socialista que o severo monge não podia então prever.

No seguinte anno de 1596, foram para lá trasladados, do convento velho, algumas ossadas, e entre ellas a do veneravel Fr. João de Athaide, precedendo a cerimonia uma provisão do nuncio de Portugal, Fabio, patriarcha de Jerusalem, passada em Lisboa no anno quarto do pontificado de Clemente VIII.

(Continúa.)

B. Sezinando Ribeiro Arthur.

O REINO DAS SEREIAS

HISTORIA PHANTASTICA

(a Julio de Sousa Pereira Girão)

(Continuado do n.º antecedente)

Foi Laimie que tendo fixado á espreita, viu o monstro tragar aquelle peixe, e affirmando-se melhor, poudo ver ser uma sereia, pois que ao contacto dos dentes do voraz animal, Hara se transformou; transformação tardia. Laimie vendo-lhe a imbricada e escameada cauda, julgou fosse a sua amada a quem agora não via porque, como mais curiosa, se internára pela caverna e alli despreocupadamente, refeita do susto, penteava os sedosos cabellos.

A este lacínante grito, que se ouviu a milhões de milhas, devido á densidade da agua, Buzilda, de correu sobresaltada e palpitante á entrada da caverna, mas Laimie já não estava alli.

Desapparecera.

VIII

— Laimie. Laimie! gritava a imperatriz dos beijos, amarrando-se-lhe os olhos.

Mas a sua voz era debil e a caverna em lugar de repercutil-a, absorvia a.

Laimie ao dar o grito, atirando-se da entrada da caverna lançou-se sobre o dorso do ichthyosauo e aproveitando o momento em que elle abria quasi a prumo a maxilla superior da rasgadissima bocca, puxou-a para traz com um arranco de desespero. O monstro ao sentir-se atacado posteriormente tentou defender-se e livrar-se do seu valente adversario. Largou a preza, e quiz voltar o focinho para atacar aquelle valente que, sobre o costado escameado em quadrados, se atrevera o tanto. Não o poudo fazer; a natureza que lhe dá a cauda, não lhe dá a agilidade. Moveu-se, mas tão mansamente, tão vagarosamente que Laimie poudo evitar destramente o ataque. Nova volta do monstro, novamente evitado.

Laimie olha em torno de si como que procurando aquella que salvára e vê perto da caverna Buzilda que arrasta Hara desmaiada.

Sae-lhe dos labios um grito d'alegria, como nunca coração humano desferiu — ao ver Buzilda salva e esquecendo-se de onde estava, deita-se abaixo do focinho do ichthyosauo, roçando-lhe a cauda pelos dentes. O monstro ao sentir e ver elle e abocanha-o, mas uma rapida volta de Laimie, furta o corpo e o animal abocanha só agua.

Enraivecido o ichthyosauo começa voltando-se o mais rapidamente que pôde, para aggreir o adversario que furtando-se novamente ao ataque, nada velozmente para o banco de matrêporas.

Assim desnortado o monstro, começa andando n'uma direcção opposta.

Estão, pois, novamente salvas as duas sereias e o Gallo Marinho.

IX

Aquelle angustioso grito que dá Laimie, ao ver o terrivel ichthyosauo abocanhar a sereia, encontrando no mar um meio bastante denso, foi tão forte e de tal intensidade que se ouviu no reino das sereias. Logo a fada Iluja reconheceu a voz do pupilo e tomou o seu carro feito todo de uma só concha de nacar, puxado por dois golphinhos e ladeada por nereidas e tritões os quaes buzinavam n'uns molluscos univalvas e assim iam annun-

ciando a passagem de Iluja, a *protectora*, aos habitantes do reino sereal que por ventura andassem perto; isto no intuito de alliciar bastantes vassallos em caso de ser necessario prestar soccorro.

A este chamamento imperioso acudiram algumas sereias que logo começaram entoando um côro melopedico e rythmico cujo argumento era a vingança. Umás precediam Iluja, outras escoltavam-na.

Grande foi a surpresa de todas as sereias vassallas, quando ao caminharem pelo banco de matrêporas depararam com o Gallo Marinho que sustinha a sereia Hara a quem Buzilda soccorria.

Não se havia dado pela falta da rainha, nem pela fuga dos dois enamorados, de forma que esta surpresa se tornou mais forte quando reconheceram quem eram as sereias.

Logo entoaram as vassallas um cantico cujo thema era o amor. Garganteavam docemente, cadenciadamente como melopeia maternal.

Buzilda sente se triste por ter sido descoberta e o Gallo Marinho roga por si e por ella á boa Iluja, que está um pouco inclinada á clemencia que a caracteriza, e que lhe valeu o seu cognome de *protectora*.

Pede Laimie, a quebra total do seu encanto e do de Buzilda. Então Iluja tenta frisar-lhe quanto é impossivel acceder ao que pede, pois que, quebrando lhes o encanto ao seu organismo se torna impossivel a vida nas aguas.

— Poderei, ajunta ella, salvar-te, mas de um modo pouco seguro. Vês esta bucêta? aqui está cachado um espirituoso licor soporifero que se o beberes serás prezo d'um forte lethargo que mais semelhará seres um cadaver do que estares dormindo.

— Logo que estejas n'esse estado, tendo perdido os sentidos, o teu corpo perde tambem uma parte do seu pezo, devido á agua, e portanto tenderás a subir; logo que chegues á superficie, o ar atmosferico reanima-te e então se, como penso, sabes nadar, estás salvo, porque debes apparecer nas margens que nos ficam superiores e que são as do Imperio celeste oriental.

— Como vês não é facil, e suppõem que te não reanimas tão depressa quanto necessitas e que pelo refluxo te affastas das margens...

— Mas fazei parar o refluxo, interrompeu Laimie.

— Não posso, nem meu poder é tão vasto e mesmo não deveria fazel-o.

— Porquê?

— Porque a solução sodica d'estas aguas é necessaria á sua conservação, para que se não alterem e para as tornar densas de modo a poderem supportar os enormes e pezados objectos que n'ellas se sustentam...

— Mas porque são os refluxos? e as monções?

— Por serem indispensaveis, pois que o sal diluido na agua, pelo seu pezo cahe e va depositar-se no fundo dos mares e para obstar a este mal cujas consequencias seriam temiveis é que ha os refluxos que agitando as aguas manteem a dissolução n'uma certa proporcionalidade. Compreendes pupilo meu?

— Sim! Iluja *protectora*.

— E as monções são para purificarem o que o simples refluxo não consegue.

— Mas, Iluja o meu salvamento não é possivel?

— É sim pupilo, mas só como te disse.

(Continúa.)

Esteves Pereira.



REVISTA POLITICA

Não vão ainda longe os clamores que se levantaram, com toda a justiça, contra o auxilio pecuniario que o governo do sr. Marianno de Carvalho deu ao Banco Lusitano, á Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, etc., etc., assim como está bem patente a inutilidade d'esse auxilio, que só serviu para salvar o dinheiro comprometido de alguns felizes, e comprometter ainda mais as finanças do thesouro.

Ainda, tambem, não esqueceu a celebre salamanca, as influencias que os bancos do Porto moveram junto do governo de então, para que decretasse a construcção do celebre caminho de ferro, que a todo o transe queriam que se fizesse, embora n'isso tivessem que comprometter os seus capitaes, e o quanto essa questão custou a resolver, pela previsão das difficuldades que isso trazia aos mesmos bancos. De nada quizeram saber então e tudo eram planos côr de rosa.

Pois bem.

Agora são esses mesmos bancos que veem pedir

auxilio ao governo para que lhes valha, porque a tal salamanca pol-os a pão e laranjas, o que na occasião presente faz lembrar aquelle dito: «diz o roto ao nu porque te não vestes tu?».

E o Porto, que ainda ha pouco, engrossava o côro dos que pedem moralidade, e sahia á frente com a sua representação a El-Rei, pintando com negras côres a corrupção d'estes tempos e pedindo remedio prompto para este estado de cousas, não pesa agora o auxilio que pede, nem quer saber se o auxilio é effectivamente para salvar a praça do Porto, se é para salvar apenas o capital de alguns felizes, que não desejam participar do rateio que depois houver.

Ninguém melhor que o actual ministro da fazenda pode resolver esta questão porque lhe conhece bem os meandros, e parece-nos que não tomará a responsabilidade de a resolver antes que as côrtes sejam ouvidas.

Os processos do sr. Marianno de Carvalho devem estar bem na memoria de todos para que se vão repetir agora, e se então o thesouro não devia nem podia dispôr do auxilio que prestou, ainda menos pôde hoje, alem de que, n'esta contradança de auxilios, em que afinal governo e governados todos precisam de auxilio, alguém acabará por não ter auxilio nenhum, e esse alguém será fatalmente o maior numero, serão os infelizes.

E infelizes são tambem aquelles a quem, desde que se pagam decimas, teem sido confiscados os miseraveis moveis de suas pobres habitações, por dividas á Fazenda Nacional, sem que nenhuma voz se tenha levantado na imprensa a pedir clemencia para esses desgraçados, emquanto que hoje já um jornal, de que outros se vão fazendo ecco, saiu á estacada com *A cobrança coerciva*, a respeito da execução do decreto que ordenou a cobrança das dividas ao Estado.

Nós sempre desejavamos saber que mais contemplações merecem os devedores de maiores quantias por direitos de mercês ou decimas relaxadas de bons rendimentos, do que os desgraçados que deixam de pagar algumas prestações da decima de renda de casa ou outras, porque o que tem mal lhe chega para comer, ou porque até ignoram que são devedores.

Dentro da boa justiça crêmos que, se a lei não pôde ter contemplações com os segundos, muito menos as pode ter com os primeiros.

Os primeiros deixaram de pagar porque se fiaram na sua influencia, porque se esqueceram de deveres que não podiam ignorar, porque outras despezas, talvez bem dispensaveis, lhe levou o que deviam ao Estado, por abuso, emfim.

N'estas circumstancias que contemplações pôde ter a lei para uns sem que a tenha para outros? Como poderá ella distinguir entre os que não pagam porque as circumstancias lhes não permittem effectivamente fazel-o, e os que não pagam por abuso? Como poderá ella fazer concessões a uns, dando-lhe prazos mais ou menos longos para solverem as suas dividas, sem que os outros venham logo aproveitar-se d'essa concessão? Crêmos que isto mesmo se tem feito em outras occasiões, e os resultados bem se sabe o que tem sido.

O adiar as coisas é tudo n'este paiz, em que as leis esquecem depressa, porque ainda mais depressa caem os governos que as decretam.

O deixar passar a onda, arranjando algum alçapão por onde os felizes se salvem, é a grande espezteza. Pois estejam descansados que os alçapões não de apparecer para uns tantos, e se não apparecerem para estes, elles farão diligencia para que então appareça algum alçapão por onde o governo se esconda.

E é assim que muitos entendem por cá a moralidade. Que lhes preste.

Ainda outro aborto de moralidade veio á supuração um d'estes dias.

O sr. ministro da fazenda resolveu acabar com a verba destinada a publicidade, especialmente nos jornaes francezes, segundo dizem os noticiarios. Esta publicidade quer dizer a compra do silencio d'aquelles jornaes sobre os nossos pôdres, ou o elogio do estado florescente das nossas finanças, etc. Uma intrujice que segundo dizem os mesmos noticiarios custava ordinariamente ao thesouro uns reles cincoenta e quatro contos, fóra os extraordinarios, sendo certo que, apesar d'este subsidio, os ditos jornaes, no louvavel empenho de augmentarem os seus ganhos, não se dando por sufficientemente pagos com o que recebiam, estavam regateando os elogios e em seu logar dando largas á campanha de descredito com que ultimamente tem mimosiado o nosso paiz.

Edificante tudo isto.

Pois bem. Esta medida do sr. ministro da fazenda mereceu a censura do *Correio Nacional*, folha que veio ha pouco enfileirar-se na imprensa portugueza, em nome da moralidade e da verdade,

para castigar a corrupção que por ahí vae.

Parece que anda n'isto obra de algum mastin a quem se vão alguns ossos que patrioticamente estava roendo, ou tinha esperanças de roer.

Cigarrilla no hay.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

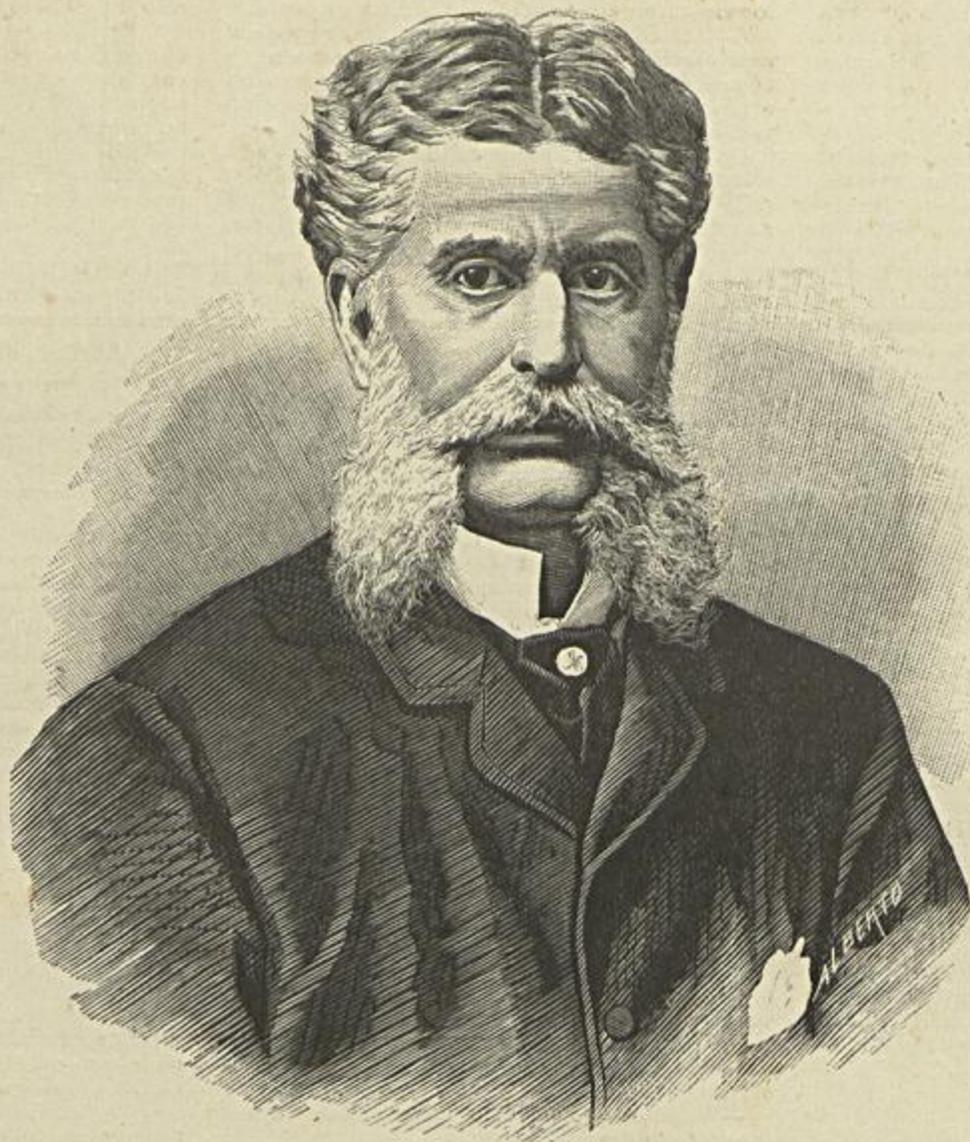
Recebemos e agradecemos:

Relatorio do bibliothecario-director da Bibliotheca de Nova Gôa. — *Supplemento ao numero 123 do «Boletim Official» do Governo Geral do Estado da India, sabbado, 29 de outubro de 1892. Imprensa Nacional, Nova Gôa.* — Este relatorio é o que o illustre bibliothecario director da Bibliotheca de Nova Gôa o ex.^{mo} sr. José Antonio Ismael Gracias, dirigiu em 15 de setembro de 1892 ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro Francisco Teixeira da Silva, vice-almirante, Governador Geral do Estado da India.

N'este trabalho — um bello trabalho — expõe o distincto bibliothecario o estado actual d'aquella propriedade do Estado. Os dados historicos, estatisticos, etc., que se exaram suggerem-n'os muitos pensamentos que desejariamos explanar mas a falta de espaço nos obriga a restringir; pois que pelos diversos ramos scientificos nos attrae. Os conhecimentos numismaticos do illustre relator demonstram-se evidentemente n'este escripto, e a isto junta um amor patrio, um amor ás cousas que cifram portuguezes e as suas obras, que infelizmente não é o predicado de muitos outros senhores em circumstancias analogas. Vemos por este relatorio que devido a bastantes e aturadas diligencias o sr. Gracias tem conseguido elevar este estabelecimento de irrefragavel utilidade.

Terminando damos as seguintes notas estatisticas, resumidas do respectivo relatorio:

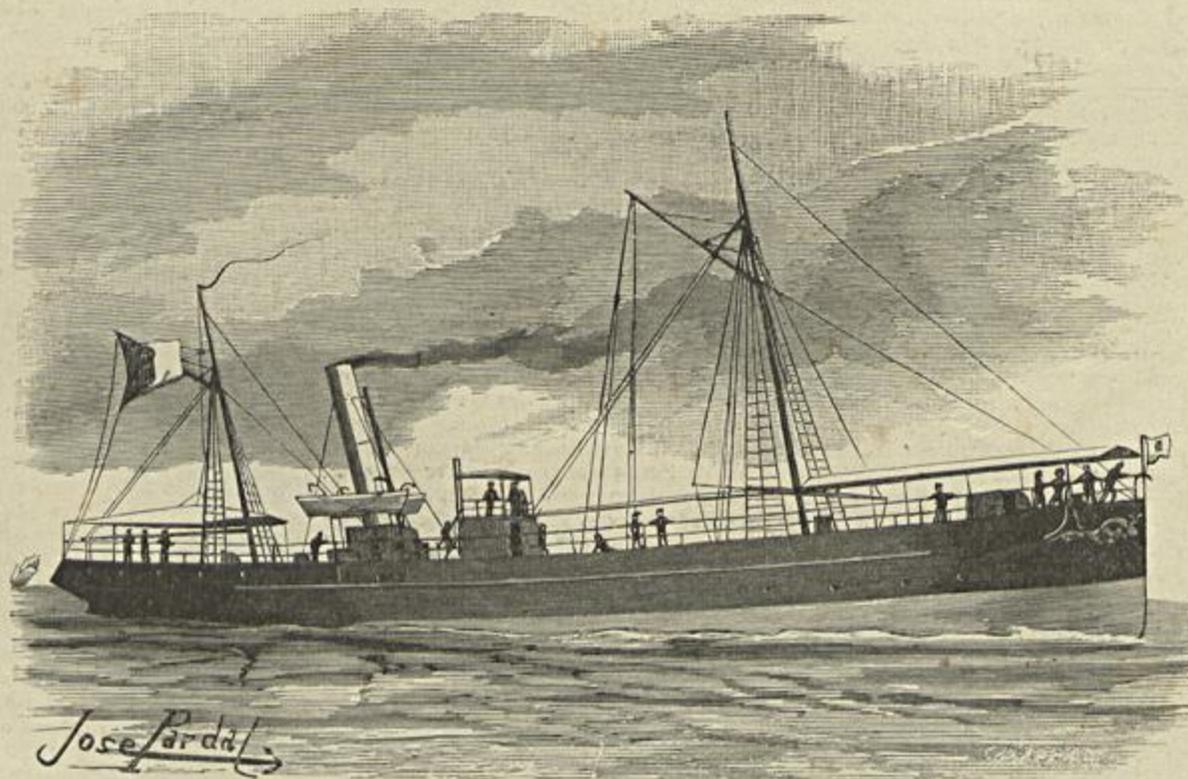
Leitores em 1891, de dia: 7602; Idem, de noite: 2924; Visitas, nocturnas e diurnas: 58; O numero de volumes existentes é de 7668.



BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADE

FALLECIDO EM WASHINGTON NO DIA 26 DE MARÇO DE 1893

(Segundo photographia)



O VAPOR PORTUGUEZ «MAC-MAHON» — NAUFRAGADO NA BARRA DO RIO LIMPOPO

N'estes numeros está a prova da utilidade d'este estabelecimento e na da criação do gabinete de numismatica, creado provisoriamente em 3 de fevereiro de 1885 e ao qual ajudado d'uma insignificantissima (relativamente) subvenção, tem o honrado bibliothecario-director, dado um impulso grande, e selectamente escolhido e adquirido diferentes moedas algumas das quaes rarissimas. Actualmente este museu, ainda que em embryão, conta um grande numero de preciosidades monetarias e pena é que os poderes mais altos não secundem quanto devem o conservador d'este gabinete, que fornece e fornecerá sempre um valioso subsidio aos estudiosos.

The World's Congress Auxiliary of the World's Columbian Exposition. *Departement of science and philosophy. Report in Behalf of the General Committee, by its Chairman, Joseph E. Roy, D. D.* Por este folheto vemos que o Congresso tem por presidente, Mr. Charles C. Bouney, por vice presidente, Mr. Lyman J. Gage e secretario, Mr. Benjamin Butervoorth. Vemos mais que o congresso n'uma das suas divisões: *Science and Philosophy* que divide em diversos ramos um dos quaes é: *African Ethnology* que por sua vez abrange a geographia, historia, artes, lingua e litteratura, religião e sciencias naturaes.

Junto vem o programma, o mais levantado que se pode imaginar.

N'este relatorio vemos que dois nossos illustres compatriotas foram convidados a tomar parte n'este congresso.

O primeiro é o Major Serpa Pinto, auctor do *How I crossed Africa* (Como eu atravessei Africa). O seu thema é: *Explorações Portuguezas na Africa, seus resultados scientificos e politicos.* N.º 3 do IV grupo das conferencias a realizar.

O segundo é o Ex.^{mo} sr. Batalha Reis, consul de Portugal em Newcastle, Inglaterra. O seu thema é: *As colonias africanas de Portugal; sua geographia e recursos.* N.º 10 do grupo IV.

Pelos altos fins a que visa este grande congresso, pelos themas a discutir, etc., etc., agoura-se um feliz resultado.